

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

As Bênçãos da Romaria

Cultura e Religiosidade Popular no Interior de Minas Gerais

1920 - 1940

Divino Pantoja da Medeiros

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

1243

Data 09/03/98

Uberlândia

S.9

(C)

1963

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

As Bênçãos de Romaria

Cultura e Religiosidade Popular no Interior de Minas Gerais

1920 - 1940

Monografia apresentada ao
Departamento de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, sob orientação do
Prof. Paulo Roberto de Almeida

Uberlândia

1998

BANCA EXAMINADORA

Uberlândia, ____ de _____ de 1998.

Resultado: _____

“Entregai vossa vida com todas as precauções ao Divino mestre; não vos faltará consolo nem força”

“Que nada vos perturbe, que nada vos aflija, que nada vos assuste! Tudo passa: a dor e a alegria. Só Deus fica. Eternamente”.

Padre Eustáquio

AGRADECIMENTOS.

Ao longo deste trabalho de pesquisa, a solidariedade das pessoas, com quem mantive contato, me surpreendeu. Foram contribuições, caras no meu reconhecimento, que viabilizaram a conclusão deste trabalho.

Agradeço ao povo de Romaria, muito acolhedor e festeiro. Ao amigo Benedito Ribeiro, meu irmão de fé.

Aos meus queridos entrevistados: Helena Cassiano dos Santos, Sílvia Soares, Irmã Maria Beni, José Hilário, Geraldo Cunha, Ditinho, Alexina Teodora do Nascimento, Maria Amaral da Cruz, Antonieta Amaral da Cruz, Joaquim Aleixo de Souza e Rosa Maria Ávila de Paula. Minha eterna amizade.

Aos meus colegas de faculdade, Florisvaldo, Luiz Fernando, Hugo e Gilberto. Obrigado pela oportunidade de crescermos juntos.

Aos anônimos destas páginas, os lapsos da memória me trai.

Aos meus colegas de trabalho, muito me ajudaram.

Aos meus familiares, meu pai Estevão, minha mãe Maria Ercidole e meus irmãos e irmãs, pelo apoio incondicional.

Ao Paulo Roberto de Almeida, que sempre mostrou-se disposto a orientar-me neste trabalho. Sua confiança e persistência, foram sempre o estímulo para a “caminhada”. Os acertos deste trabalho, são prova de sua habilidade em orientar-me.

Por último, a minha esposa Meire e nossas filhas Laura e Luiza, que me propiciaram as condições materiais e espirituais para a conclusão deste curso. Me desculpem a ausência, das leituras intermináveis.

Dedico este trabalho à Meire e nossas
filhas Laura e Luiza, co-autoras do
meu cotidiano, com afeto.

SUMÁRIO.

1. APRESENTAÇÃO.	1
2. AS ORIGENS DA DEVOÇÃO: NOSSA SENHORA DA ABADIA E ROMARIA	6
3. DEVOÇÃO E CATOLICISMO POPULAR NA FESTA DE ROMARIA	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
5. FONTES E BIBLIOGRAFIA.	45

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

Assinatura

Data

1. APRESENTAÇÃO.

A festa anual de Romaria, antiga Água Suja, em louvor à Nossa Senhora da Abadia, realizada a 15 de agosto, arrasta multidões de peregrinos no exercício da fé cristã. Em sua maioria, são provenientes da região, com algumas exceções para antigos moradores, hoje residindo pelo Brasil a fora, que aproveitam a ocasião para rever os amigos e celebrar a festa. Eles chegam à pé, em caravanas de caminhões ou ônibus, de carros leves e carros-de-boi, com os mais variados motivos e fins.

A cerca de dois anos, o feriado do dia 15 de agosto, que cairia no meio da semana, foi mudado, pelas prefeituras locais, para a segunda-feira. Presenciamos provas concretas da lógica própria da cultura popular. Os romeiros, que gozaram do feriado, puseram-se, dia 15, fielmente a caminho de Romaria para a festa de Nossa Senhora da Abadia. No dia seguinte os jornais anunciavam: “a cidade parou”.

Todos os habitantes das cidades vizinhas, estão acostumados a ver o movimento de peregrinos rumo a Romaria, já a partir dos primeiros dias de agosto. São freqüentes os acidentes nas estradas que para lá se dirigem, o movimento de pedestres obriga os motoristas a desvios perigosos e uma redução da velocidade de viagem. Quem por estas bandas viaja, com certeza percebe as muitas cruzes fincadas ao lado das estradas.

Ainda na adolescência fiz minha primeira romaria que, saindo de Uberlândia somam uns noventa quilômetros. Depois vieram outras, algumas com desistência no meio da caminhada, outras tantas consegui “chegar”.

Em 1983, a trabalho, firmei residência em Romaria por um ano, onde pude me inteirar melhor da dinâmica da festa. A cidade que, nos demais meses do ano vive na maior calmaria, se transforma completamente. Como em outros centro de peregrinação, a população flutuante, supera em muito a capacidade da cidade, deixando, em sua retirada, a marca de sua passagem: muito lixo e algumas depredações de bens públicos. Foi neste período que tomei conhecimento da figura de padre Eustáquio.

A maioria absoluta dos romeiros de hoje, são devotos de Nossa Senhora da Abadia, porém, desconhecem o significado de padre Eustáquio para a cidade. Foi ele quem iniciou a construção do atual santuário e promoveu mudanças que ficaram gravadas de forma indelével na memória do povo de Romaria. Além de ministro de Deus, cuidou da alma e dos corpos dos menos afortunados. Creditam-lhes muitos milagres, como veremos nos capítulos seguintes, a ponto de ter deixado o então pequeno povoado, com fama de santidade e sob os mais altos protestos.

Suas bênçãos, juntamente com as de Nossa Senhora da Abadia, já operaram milagres em minha família. Tio Joaquim, com uma mão em adiantado estado de gangrena, devido a um acidente, salvou-se de uma amputação certa. Outros tantos males incuráveis, nestas antigas roças deste sertão mineiro, dependiam exclusivamente da intervenção Divina para se sanarem. Sempre puderam contar com sua intervenção.

Foi na observação deste fenômeno no decorrer dos anos, com minha experiência de vida e pelas exigências acadêmicas, para a conclusão do Curso de História, que buscamos inspiração para o presente trabalho de pesquisa. É uma via de análise para entendermos a cultura e o imaginário religioso populares que envolvem a festa.

Definido o tema, partimos em busca das fontes. Optamos por entrevistas orais com antigos moradores e visitantes de Romaria, recolhimento de fotos, que por felicidade encontramos um grande acervo de propriedade da Senhora Maria Damasceno, livros de memórias e biográficos e visita à igreja de Belo Horizonte, onde está sepultado Padre Eustáquio.

Em todos os relatos aparece a figura contundente de Padre Eustáquio, narrado com uma sensação extraordinariamente viva, que nos leva a acreditar que estamos diante de um homem “santo”. Fama esta devida às graças alcançadas por sua intercessão junto a Deus e aos santos. Sua ação esteve além do campo espiritual: iniciou a construção do atual santuário e recuperou para a igreja um grande número de ovelhas desgarradas.

É de um povo simples, carente de santos protetores em caso de suas reais necessidades, e de suas práticas sociais e históricas determinadas que retiraremos lenha para nossa fogueira. É neste meio que verificaremos que a religiosidade popular, assim

como as águas do rio, cria seu próprio curso, alheio às vontades da igreja e das autoridades civis, elabora respostas aos anseios populares e contagia com uma solidariedade sem fim todos os envolvidos na festa.

Estaremos trabalhando com o registro da memória dos entrevistados. Não faremos amostragem nem tampouco confrontaremos com outros documentos para análises de distorções. Nosso principal objetivo é o registro da voz, do que foi possível recuperar da memória dos entrevistados, considerando-se os limites de cada um e das condições das entrevistas.

Nossa abordagem seguiu o seguinte esquema: como contato inicial, indicado por familiares mais novos ou amigos, identificávamos o motivo da entrevista e a intenção de gravá-la, depois, dávamos espaço para uma rápida elaboração das memórias e sua narrativa. Muita coisa era lembrada na despedida, depois do cafezinho acompanhado por quitandas, por vezes em caráter confidencial, uma vez que criamos laços de amizade. Com certeza, teríamos horas e horas de gravação se pretendêssemos um registro completo das lembranças que puxam outras lembranças.

Nossas reflexões e análises terão como suporte teórico os trabalhos de Marilena Chauí, sobre cultura popular, e algumas obras sobre história oral, ou, como alguns preferem, “uso de fontes orais” para escrever história, tais como Joan del Alcàzar i Garrido, Pierre Nora e Ecléa Bosi.

Chauí, contribui com as discussões quando nos mostra que:

“(…) a consciência popular, elaborando sua própria sociologia, organiza a realidade de modo a torná-la inteligível e de maneira a tornar compreensíveis as ações realizadas (...)”¹

dentro da mesma. Cria seus próprios caminhos, determina sua dinâmica de acordo com suas reais necessidades.

¹ CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência - aspectos da cultura popular no Brasil* São Paulo, 6ª Edição, Editora Brasiliense, 1994, pp. 141.

Dentro do tradicionalismo acadêmico, a história sempre manifestou um compromisso com a escrita mantida em arquivo ou registrada segundo os critérios do tempo passado e distanciamento das fontes. Recentemente, o uso de fontes orais servindo como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas, vem ampliando o leque de alternativas da história que, segundo Garrido

“(…) nos permite escrever outro tipo de história”, possibilita a construção “de um discurso de interpretação histórica mais completo, mais rico e complexo (...)”².

Permite,

“(…) não apenas incorporar indivíduos ou coletividade até agora marginalizados ou pouco representados nos documentos arquivísticos mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos escritos”.³

Entre memória e história, Pierre Nora convida-nos para uma análise de suas diferenças, suas oposições. Destaca a localidade da memória dentro do atual mundo, onde, auxiliado pela mídia, dilata-se a percepção de história, reduzindo-a uma memória voltada para si mesma, de vida efêmera. Daí a importância do resgate de histórias locais, para que sejam contrapostas ao apelo irresistível da mídia rápida. Para Nora:

“(…) a memória é a vida, sempre carregada por grupos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética a lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e

² GARRIDO, Joan del Alcàzar i. *As fontes orais na pesquisa história: uma contribuição ao debate*. In: Revista Brasileira de História, N° 25/26, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, diversos autores, 1992/1993, pp. 33.

³ GARRIDO, Op. Cit. pp 36.

manipulações , suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.”⁴

O trabalho de Ecléa Bosi, sobre lembranças de velhos⁵, muito nos inspirou pelas semelhanças com nossos entrevistados. Mostrou-nos a importância de se “compreender a própria vida revelada do sujeito”⁶ e efetivar uma pesquisa sustentada por compromisso afetivo. Um trabalho “ombro a ombro” com o sujeito, onde efetivamente tenha-se uma participação de vida.

Para a organização do trabalho, dividimos em dois capítulos: no primeiro, procuramos realizar um trabalho de contextualização do leitor, localizá-lo dentro do significado religioso que envolve a festa. Resgatar as origens da devoção de Nossa Senhora da Abadia, a formação do povoado de Água Suja, a vinda de Padre Eustáquio, sua passagem e o que ele deixou; no segundo, pretendemos fazer um exame, sob o prisma da cultura e religiosidade populares, do que foi possível resgatarmos das memórias de antigos moradores de Água Suja, de como perceberam e assimilaram a religiosidade da festa. Como e onde elas buscaram respostas para suas reais necessidades.

⁴ NORA, Pierre. *Entre Memórias e história - A problemática dos lugares*. In: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, EDUC - Editora da PUC-SP, 1981, pp 7-9.

⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. T. A. Queiroz, 2ª edição, São Paulo, 1987.

⁶ Idem, *ibidem* pp 2.

2. As Origens da Devoção: Nossa Senhora da Abadia e Romaria

Neste capítulo, almejamos situar o leitor sobre a tradição da devoção à Nossa Senhora da Abadia de Água Suja e a figura do Padre Eustáquio como intermediário de suas graças. Nossa narrativa destina-se ao trabalho de ambientação daqueles que desconhessem os caminhos da formação de importante centro de função religiosa.

Para isto, com base nas biografias e artigos publicados, que conseguimos recolher, recuperaremos a origem da tradição, sua vinda para o Brasil e a chegada ao Triângulo Mineiro junto ao início da mineração de diamantes. Continuaremos, com os encaminhamentos que as romarias tomaram, até o surgimento de Padre Eustáquio. Um padre que emprestou novos significados à festa e contribuiu para o desenvolvimento religioso, cultural e social do povoado.

A devoção à Nossa Senhora da Abadia tem sua origem distante de nós no espaço e tempo. Fundamenta-se numa lenda ou “história” de um fidalgo português, que, após a morte de sua esposa e filha, abandonou a corte e entregou-se à vida eremítica. Ingressou no mosteiro de São Miguel e Nossa Senhora, ao norte de Portugal, região de Braga, nas paisagens montanhosas do Bouro, tomando o hábito religioso e o nome de frei Paio Amado.

Pois bem, conta a história que a descoberta da imagem deu-se numa noite de 1107, o frade e seu superior frei Lourenço,

“(…) como ali algumas noites saíssem fora (...) viu um deles - frei Amado, o novo Ermitão, no meio de um vale, que ficava abaixo das Ermidas (celas) grande claridade. E dando conta ao velho (frei Lourenço), vigiaram ambos a noite seguinte e viram o próprio resplendor que saía dentre uns penedos e alumiaava grande parte daqueles vales, e anotando tudo mui particularmente se

foram, em amanhecendo, ver o que seria e buscando entre uns e outros penedos, acharam no meio deles uma devota imagem da Virgem Maria Senhora Nossa"⁷(...),

esculpida em pedra, que, provavelmente, lá fora escondida no século VIII, por monges cenobitas desejosos de protegê-la da sanha profanadora dos invasores árabes.

Tamanho foi o contentamento dos ermitões, que mudaram suas celas do alto da serra para o local do achado. Construíram uma pequena e tosca ermida, que, com o passar do tempo, transformou-se em abadia, instituição religiosa e monacal da qual tem origem o nome dado à imagem e à devoção. Tempos depois, o arcebispo de Braga ordenou a construção de um templo de pedra lavrada, sob a denominação de Igreja de Nossa Senhora da Abadia, permanecendo intacto até 1617. Temos aqui, em breves pinceladas, o nascimento da devoção à Nossa Senhora da Abadia, que, ainda hoje, são freqüentes as romarias com a festa e novena no dia 15 de agosto

Esta devoção cruzou o Atlântico, chegando ao Brasil nos tempos da exploração dos filões de ouro. Mineradores portugueses, provavelmente procedentes do norte de Portugal, de Braga, região do Bouro, mandaram vir de sua pátria uma imagem da Virgem e a colocaram na capela de São Tomé, paróquia de São José do Tocantins, hoje Muquém, Goiás. Assim como no norte de Portugal, as romarias logo se organizaram e passaram a venerá-la, incentivados com as indulgências e favores espirituais a eles concedidos pelo então bispo de Goiás, Dom Joaquim Gonçalves d'Azevedo⁸

A origem do culto e devoção à Nossa Senhora da Abadia em Água Suja, hoje Romaria, e a formação do povoado misturam-se. Crescia o povoado, ao mesmo tempo em que crescia a devoção do povo à Nossa Senhora da Abadia.

O pequeno povoado nasceu à margem esquerda do córrego de Água Suja, afluente do Rio Bagagem, que deu o nome ao município de Bagagem, atual Estrela do Sul, assim

⁷ VIEIRA, Primo. *Nossa Senhora d'Abadia - História e Devocionário*. s/d mimeo, 1994, pp 10.

⁸ As origens do culto à Nossa Senhora da Abadia, no sertão goiano, podem, também, ser explicadas através do romance "O Ermitão de Muquém", de Bernardo Guimarães, em torno do qual criou-se uma lenda. Porém, como demonstra Vieira nas páginas 26-28, tudo não passa de ficção romanesca.

chamada por ali ter se encontrado o diamante “Estrela do Sul”, o mais glorioso de todos os diamantes descobertos em nossas lavras diamantíferas.

Há muito se trabalhava nas lavras diamantíferas de Bagagem. O Brasil, durante a Guerra do Paraguai (1864 - 1870), não conseguindo voluntários usa do recrutamento forçado para compor suas tropas, levando grande número de pessoas a abandonarem suas bases fixas, fugindo ao alistamento e se aventurando pelos sertões mineiros. Sem o saber, estas pessoas estavam lançando em solo fértil, as sementes que frutificariam um nova cidade.

O Cônego Primo Maria Vieira⁹, na década de 1920, em comemoração ao cinquentenário da fundação do santuário, escreve sua “*Monographia da Parochia e Sanctuario Episcopal de Nossa Senhora d’Abadia de Agua Suja*”. Onde descreve o ocorrido da seguinte forma:

“O descobrimento de diamantes no córrego de Água Suja deu origem ao povoado do mesmo nome. Trabalhava-se ha muito nas lavras da Bagagem-Diamantina, hoje Estrella do Sul, quando por ocasião da guerra do Paraguay, as minas foram abandonadas pelo pessoal válido que fugia á designação para o serviço da campanha. Tal foi a causa ocasional do descobrimento de muitas minas e do prosseguimento dos trabalhos em outras, a esse tempo abandonadas. Esse pessoal válido, não querendo trocar a batêa pelo fusil e pela espada, embrenhava-se por entre as mattas marginaes dos rios e correjos de nosso sertão e assim puderam descobrir importantes jazidas de ouro e diamantes (...)”.¹⁰

⁹ Primo Maria Vieira, veio de Portugal em 1910, diácono já com estudos teológicos concluídos, recebeu sua ordenação sacerdotal em Uberaba das mãos de Dom Eduardo Duarte Silva. Em 1916 assumiu o cargo de Pároco de Água Suja e Reitor do santuário, até a vinda dos padres holandeses dos Sagrados Corações em 1925. Foi um grande propagador da devoção à Nossa Senhora da Abadia e grande batalhador do engrandecimento do local, no plano temporal e espiritual.

¹⁰ VIEIRA, Primo Maria. *Monographia da Parochia de Sanctuario Episcopal de Nossa Senhora d’Abdia de Agua Suja*. São Paulo - SP, Melhoramentos, 1921, pp 20.

Deu-se desta forma, em Janeiro de 1867 um garimpeiro de nome Sebastião Silva, descobre diamante no gorgulho (cascalho brotado) da encosta de um córrego. Memorizou o local e saiu á procura de outras pessoas para compartilhar sua sorte.

Tão logo a notícia se espalhou, outros garimpeiros afluíram e começaram a exploração do garimpo. Moradas simples foram sendo improvisadas à beira do córrego iniciando a formação do povoado.

“Em 1871, Água Suja contava com mais de 5.000 pessoas, maior parte vivendo do garimpo. Aquele córrego de um manancial de águas puras e límpidas, se transformara num revirado de montes de cascalho, por isso suas águas corriam constantemente sujas”.¹¹

Provavelmente o culto à Nossa Senhora da Abadia tenha nascido pela influência de garimpeiros vindos de Muquém, que organizavam romarias todos os anos para a festa de 15 de agosto. Porém, dadas as dificuldades da época em se locomoverem por tal distância, resolveram por bem edificar uma capela em Água Suja,

“(…) onde pudessem tributar à Divindade o culto de latria e à Virgem o culto sempre grato e consolador de hiperludia, cujo templo seria dedicado à gloriosa Mãe de Deus sob a invocação de Nossa Senhora da Abadia”.¹²

Armados deste ideal, sob a chefia de Joaquim Perfeito Alves Ribeiro, um dos primeiros a impulsionar o desenvolvimento e progresso do povoado, formaram uma delegação que foi enviada ao Bispo de Goiás, Dom Joaquim Gonçalves d’Azevedo, pedindo a concessão e autorização para a construção da referida capela, que resolveria o problema da longa viagem e satisfaria os desejos religiosos de todos, a qual foi atendida de bom grado.

¹¹ DAMASCENO, Maria das dores. *Do Diamante ao Milagre da Fé - Água Suja - Romaria - Minas Gerais*. Romaria - MG, Editora Vitória, 1997, pp 28.

¹² VIEIRA, Op. Cit, pp 38.

O prelado anuiu, construíram uma capela provisória, coberta com folhas de babaçu, enquanto se cuidava do carregamento de materiais para a construção definitiva de um novo Santuário.

“Começava o anno de 1870, que ficou assignalado na memoria de todos, não só por estes acontecimentos, como tambem pelas abundantes geadas de tres dias e tres noites!

O viajante, Custodio da Costa Guimarães (Portuguez) foi encarregado de, na capital do Imperio, fazer aquisição da Imagem de Nossa Senhora d’Abbadia. Para a recepção d’esta, organisou-se importante e vistoso cortejo, do qual fazia parte toda a povoação, indo sahir ao encontro á grande distância do arraial. Esta meiga e linda Imagem...entra triumphalmente n’esto povoado”.¹³

Em substituição à pequena capela, foi construída a primeira Matriz, feita de cimento e cal, com esqueleto em madeira de lei. Media trinta e dois metros de comprimento por quinze de largura, sem estilo arquitetônico bem definido. Anos depois seria demolida para construção do atual santuário.

Deu-se início às romarias, ainda que timidamente, desde o primeiro ano da chegada da imagem de Nossa Senhora da Abadia. A partir de 1916, dado o envolvimento de Cônego Primo Maria Vieira, Reitor do Santuário, as romarias tomam vultos maiores na piedade e no número de peregrinos.

Vieira, em sua ‘Monographia’ do santuário, transcreve uma notícia publicada pela ‘A União’ do Rio de Janeiro, número 73, de 11 de setembro de 1919, onde relata a grandeza da romaria ao santuário de Água Suja da seguinte forma:

“Com brilhantismo e pompa não communs celebraram-se, como de costume, os tradicionaes festejos em honra da muito milagrosa Imagem de Nossa Senhora d’Abbadia de Agua Suja.

¹³ VIEIRA, Primo, Op.Cit. pp 23

Decorria a ultima quinzena de julho e por todas as estradas nesta redondeza de mais de 100 leguas (cem leguas) já os fervorosos romeiros se faziam mover em direcção ao Sanctuario Episcopal de Agua Suja ... procedentes de Campo Grande de Matto Grosso, Villa Platina, Uberaba, Fructal, Prata, Barretos, Ribeirão Preto, S. Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Bello Horizonte, Barbacena, Formiga, Sta. Rita de Cassia, Pratinha, S. Sebatião do Paraíso, Sacramento, Conquista, Araxá, Santo Antonio do Monte, Carmo do Paranahyba, Abaeté, Lagôa Formosa, Patos, Santa Anna de Patos, Salitre, Patrocinio, Paracatú Rio Verde, Formosa, Goyaz, Catalão, Ipamery, Araguary, Dolores de Santa Juliana, Coromandel, Abbadia dos Dourados (...).¹⁴

O número de romeiros, deste ano, é estimado em quarenta e cinco mil pessoas, vindos em três mil e quinhentos carros-de-boi, à cavalo, à pé e em automóveis que “trafegaram dia e noite, de Palestina, Uberaba, Uberabinha, Araguary e Estrella do Sul”¹⁵. Tamanho fluxo de romeiros, resulta em igual tamanho de provas evidentes da protecção da excelsa Mãe. A quantidade de promessas-milagres depositados aos pés de Nossa Senhora da Abadia, é levantada por Vieira, que descreve que:

“(…) pesaram 850 ks. e foram assim descriminados: 620 cabeças de cera, 580 corpos, 450 peitos, 655 mãos, 535 pés e pernas, 55 corpos de cera colocados cada Um em seu esquife ou catre, 455 animaes (cavalos, burros, bois, capados, etc) e mais 225 ks. De cera em barra. O que, porém, mais chamou a atenção de todos, foi o numero elevado de milagres-promessas que representavam curas extraordinarias e até talvez resurreições!... Além de 55 corpos de cera depositados em caminhas arrumadas em esquifes ou catres, appareceram 10 corpos de cera amortalhados e depositados em caixões revestidos de preto e ornados com galões amarelllos”.¹⁶

¹⁴ Idem, ibidem, pp 27-28.

¹⁵ Idem, ibidem, pp 26.

¹⁶ Idem, ibidem, pp 26

Gratificante é o trabalho de chafurdar no passado. Mais aprazível ainda, é conhecer os caminhos que a água da história tomou para formar seu curso. Em todas as entrevistas que realizamos, no conjunto de fotografias que recolhemos e nas conversas de rua e bares que mantivemos, uma figura esteve sempre presente e foi recordada com imenso carinho e respeito. Estamos falando de Padre Eustáquio, um dos três padres holandeses, da congregação dos Sagrados Corações, que chegaram em julho de 1925 e assumiram, mediante contrato de dez anos, a paróquia e a administração do santuário. Em 1934, a paróquia foi-lhes entregue em *perpetuum*.

A 3 de novembro de 1890, o casal de fazendeiros Wilhelmus van Lieshout e Elisabeth van de Meulenhof, receberam o oitavo de seus onze filhos, um menino grande e muito saudável que recebeu o nome de Humberto. Fazia frio, como sempre, no pequeno povoado de Arle-Rixtel, na Brabância do Norte, ao sul da Holanda.

Naquela época a Holanda tinha por religião oficial o credo calvinista, também professado pela maioria da população. Contrariamente, a família dos Lieshout era católica praticante, fazendo questão de externar sua fé com o intuito de enfraquecer o protestantismo. Recomendação oficial das autoridades católicas, interessadas em ver crescer seu poder e influência. Humberto, assim como os outros jovens católicos, cresceu sob esta influência e sentia pesada carga de tributos em suas costas, via-se obrigado a suportar grande gama de exageros de práticas religiosas sectárias e fanáticas e excesso de sentimentalismo, visando refrear o pleno encaminhamento da própria razão.

Foi nesse quadro que Humberto cresceu. Herdou dos pais uma inabalável fé e amor incontestes a todos os sofredores, o que já anunciava os futuros desdobramentos de sua vida.

A formação escolar de Humberto começou da mesma forma que as demais crianças. Aos cinco anos de idade ingressou na Escola Infantil do Instituto São José, em Schijndel. O estudo de primeiro grau deu-se na escola latina de Gemert, uma das mais antigas da Europa Ocidental, a dez quilômetros de Arle-Rixtel. Já ao final do curso, começou a preocupar-se com seu futuro de agricultor, pelo qual não guardava maiores

ambições. Foi quando, após uma reunião de jovens, o vigário paroquial convidou-o a ingressar no seminário.

Humberto desde cedo sempre se sentira atraído pela vida sacerdotal, influência do meio onde fora criado. Porém, duas coisas o preocupavam - a permissão do pai e sua relativa dificuldade com os estudos, pois não pertencia a família de maiores preocupações científico-culturais nem tampouco abundavam livros em sua casa. Estudar fora teria seus custos e ele não tinha facilidade em assimilar conteúdos ordenados e sistematizados, muito embora fosse latente sua necessidade de aprender e evoluir.

O casal Lieshout ficou radiante e honrado com o chamamento de seu filho para a vida de sacerdócio. Tiveram, ainda, mais duas filhas religiosas. Mais que depressa fizeram o filho responder afirmativamente ao padre. Foi então que, a 5 de setembro de 1905, Wilhelmus entrega seu filho aos cuidados do padre superior do Seminário Menor da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, na cidade holandesa de Grave.

Foram tempos de provação para o jovem Humberto. A nova realidade de vida em internato era ordenada por regras determinadas e suplantava a individualidade, bem diferente da casa paterna. Contudo, nada melhor que o tempo para que ele se adaptasse a nova vida. Apesar de notas baixas, Humberto não esmorecia, sabia de suas limitações em função da falta de base nos estudos anteriores e se desdobrava em estudos extras.

Algo mudaria os rumos de sua vida definitivamente, na biblioteca do seminário pegou o livro sobre a vida de Padre Damião de Veuster, um padre belga que se tornara herói e sua fama crescia mundo afora. Damião era um religioso da Congregação que isolou-se do mundo e fora viver na ilha de Molokai, refúgio de hansenianos, onde acabou por contrair a doença e faleceu. Humberto não teve mais dúvidas, sua vida se espelharia na de Padre Damião.

A 10 de dezembro de 1913 iniciou seu noviciado na congregação, em Trêmeloo, cidade belga, onde por uma disposição divina ou acaso do destino, nascera Damião de Veuster. O fato é que tal acontecimento causou muita emoção ao jovem Humberto.

O noviciado é uma exigência canônica a ser cumprida rigorosamente, é um tempo de provação profissional e visa oferecer o *locus* necessário e metodologia para a reflexão e

preces dos futuros religiosos. Como é de costume da congregação, recebendo o hábito religioso, os noviços assumem novos nomes. Humberto passou a chamar-se Eustáquio.

Acabado o tempo de provas do noviciado, Eustáquio, a 27 de janeiro de 1915, emitiu os votos religiosos temporários na congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Após o curso de filosofia, realizado em Grave e Tilburg, no final de 1916, Eustáquio mudou-se para o seminário maior de Bavel para cursar teologia. Onde, a 18 de março de 1918, fez os votos perpétuos.

Até hoje o exemplo de padre Eustáquio é citado no seminário para encorajar os medrosos e menos afortunados:

“Estudava com afinco, fiando-se mais na sua memória e no valor sobrenatural das suas orações do que na compreensão das coisas. Embora não destituído de talento, notava-se uma certa lentidão na digestão intelectual das questões filosóficas. Surpreenderam-se por isto os professores do Seminário Maior ao verificarem que o aluno Humberto van Lieshout, já então *frater* Eustáquio, rezava o terço enquanto os outros andavam com livros e cadernos por toda parte. Interrogado se estava garantido já, o humilde filósofo respondeu: - ‘Se recordo matéria na eminência das provas, misturo tudo; prefiro rezar o terço para que Nossa Senhora me ajude’ (...).”¹⁷.

Novos desafios se abriam, eram tempos de missão sacerdotal regular. Padre Eustáquio tornou-se auxiliar do mestre de noviços, no noviciado da congregação em Vierlingsbeeck. Tão grande foi seu sucesso que, em agosto do ano seguinte, foi nomeado para exercer tarefa importante e difícil, em Maassluis, um povoado periférico da cidade portuária de Rotterdam.

¹⁷ HULSELMANS, Venâncio. *Padre Eustáquio van Lieshout.SS.CC - O vigário de Poá*. Rio de Janeiro, Centro Nacional da Entronização, 1944, pp 17.

Era uma população marginal, ao lado do maior porto do mundo, formada por vidreiros imigrantes da Bélgica, expulsos da Valônia francófona durante a ocupação nazista, em 1914. Viviam em permanente revolta devido ao descaso dos governos belga e holandês.

Padre Eustáquio foi escolhido para tal empreitada, por falar bem o francês, uma vez que a maioria falava exclusivamente o valão, e por inspirar confiança em seus superiores para o cumprimento da tarefa.

Assim como Damião de Veuster, padre Eustáquio pôs-se a enfrentar os desígnios de sua sorte, viver para o povo. Andava pelo povoado a cuidar da vida dos aldeões. Por onde o deixavam entrar, à procura de doentes de alma e corpo, derramava bênçãos, entregava-se aos problemas de seus paroquianos e nunca deixava de recomendar receitas ditas infalíveis de seu “Manual de Medicina no Campo”.

Foram quase dois anos entre os valões. Trabalho reconhecido pelo governo belga, na pessoa do barão Kerrijn van Meerendré, embaixador belga na Holanda, com as insígnias de Cavaleiro da Coroa Belga, durante um almoço. Emocionado, o novo cavaleiro agradeceu a homenagem e a condecoração dizendo estar no justo cumprimento de seus deveres religiosos, transferindo toda a glória a Deus. Ao final do almoço, deixou a comenda sobre a mesa, para satisfazer a curiosidade de seus colegas. Depois, guardou-a no estojo, e jamais alguém o viu usá-la.¹⁸

Por estes tempos, já se encontrava a serviços pastorais em Roelofsarendsveen, uma pequena aldeia ao norte do país. Repetia seu trabalho zeloso com os doentes e pelo bem estar das almas do povo de sua paróquia. Foi quando, mais uma vez, a obediência dispôs de padre Eustáquio, indicando-o como um dos três pioneiros que a congregação desejava enviar às terras da América do Sul.

Em 1924, padre Eustáquio e os padres Gil van de Boogaart e Matias van Rooy, viajaram para a Espanha, a fim de aprenderem o espanhol. Padre Eustáquio, que já sacrificara seu habitual aperitivozinho holandês às horas das refeições, desta vez toma a

¹⁸ Idem, *ibidem*, pp 22.

resolução de largar o cachimbo, a fim de implorar as bênçãos divinas sobre seu futuro apostolado.

Em março de 1925, foram chamados às pressas da Espanha, pois seus destinos tinham mudado. O futuro era o Brasil e a língua era o português. Não havendo mais tempo hábil para se exercitarem na língua lusitana, partiram, os três, em companhia do superior provincial, padre Norberto Poelman. Aportando em 12 de maio de 1925, no Rio de Janeiro.

Como seus destinos estavam incertos, e como o convite partira de Dom Antônio de Almeida Lustosa, bispo recém empossado da diocese de Uberaba, o provincial e padre Gil viajaram ao encontro de Dom Lustosa.

A acolhida foi muito cortês. Dom Lustosa ofereceu-lhes a paróquia de Nossa Senhora da Abadia, em Água Suja, a qual foram conhecer a 21 de maio. O contraste com a urbanização a que estavam acostumados em seu país de origem, não os desanimou, mesmo que Água Suja fosse desprovida de conforto. Gostaram das paisagens e das riquezas naturais da região, decidindo-se pela aceitação da oferta episcopal, de forma definitiva. Dia 24 encontraram o bispo em Conquista, onde assinaram o contrato determinando a fundação da primeira comunidade da congregação dos Sagrados Corações em terras brasileiras.

Decidido oficialmente o estabelecimento na diocese de Uberaba, retornaram ao Rio de Janeiro em busca de padre Eustáquio e padre Matias, que lá ficaram dando andamento em seu estudo do português. Como era de se esperar, o curso não teve maiores sucessos, e padre Eustáquio, que jamais falou bem o português, foi aprender em contato com o povo de Água Suja e redondezas.

Passaram por Uberaba a 12 de junho. Após acertados os pormenores, chegaram a Água Suja a 15 de julho de 1925, um mês antes da festa magna. A chegada não contou com festa de recepção e estava envolta em incertezas. Os recém chegados não conheciam a língua nem a cultura dos brasileiros com os quais conviveriam na qualidade de dirigentes espirituais e ministros de Deus. Para piorar a situação, Água Suja estava a três anos consecutivos sem pároco residente, o que resultou em tratamento frio e indiferentes por parte dos moradores do povoado. Ficariam sob sua responsabilidade três igrejas paroquiais e dez capelas, distantes umas das outras e com cerca de dezessete mil habitantes, as

paróquias de São Sebastião e São Miguel da Nova Ponte e a da Aldeia de Santana, atual Indianópolis. Padre Gil assumiu o cargo de pároco e reitor do santuário de Nossa Senhora da Abadia. Os padres Eustáquio e Matias tornaram-se seus vigários paroquiais..

Os padres ainda não tinham idéia das mudanças que se instalariam no povoado com o acontecimento da festa. Faltavam-lhes os recursos da língua portuguesa e os conhecimentos elementares da cultura local.

Sem que os padres percebessem, a maioria dos garimpeiros, nos dias de sua chegada, trocava o serviço na lavra, pela preparação de pontos comerciais que pudessem explorar nos dias da festa com venda de comida e bebida aos peregrinos.

Nos primeiros dias de agosto, o lugarejo crescia com a chegada dos romeiros. A cena em volta do santuário assumia aspectos pitorescos com o surgimento repentino de palhoças improvisadas de bambu com capim ou folhas de bananeira, ao lado de barracas de pano e de lona montadas sobre caminhões e carros-de-boi. O movimento aumentava com o prosseguimento das novenas que antecedem ao dia final da festa, 15 de agosto..

À noite, tudo se transformava. As encostas do vale se iluminavam com as luzes dos acampamentos. Os negócios, as cantigas embaladas ao som de viola, risadas e gritos advindos de leves bebedeiras, invadiam o ambiente próximo ao acampamento. Mais abaixo, organizava-se roletas, danças e as barracas e casas alugadas para o exercício protegido da prostituição sempre condenada e da jogatina ilegal, funcionando a noite inteira e a festa, propriamente dita, ainda nem começara. Aos romeiros, cabia o sentimento que tudo isto era aceitável em compensação às provações das duras viagens, má acomodação nos acampamentos e pelas orações feitas aos pés da Santa.

Tal situação, somada ao grande número de hansenianos e portadores de outras moléstias perigosas que participavam da festa na condição de esmoleres e peregrinos e a roubalheira das ofertas aos pés da Santa, pelos encarregados de recolhê-las, scandalizou os três padres. Não estavam acostumados com tais aspectos morais e deturpações dos ensinamentos cristãos. A festa de Nossa Senhora da Abadia, mesmo sendo realizada sob as bênçãos da igreja e presidida pelo bispo diocesano, reunia alguns dias de reflexão e

sacrifícios para a alma, mas de algumas alegrias para o corpo. Porém, nada podiam fazer para mudar o quadro, haja visto que a festa sempre se organizara nos mesmos moldes.

O apogeu da festa, no dia 15, é marcado por uma procissão final, realizada à noite, com a imagem milagrosa de Nossa Senhora da Abadia. Não se admite faltar a ela. Todos os negócios são fechados e, sem exceção, todos os romeiros se põem, de vela à mão, a esperar a chegada da Mãe imaculada. Emprestam a este ato o mais alto valor, tanto que a procissão lhes traz a ilusão de absolvição geral para os dias de abusos e pecados cometidos durante a festa.

Era um grande mistério para padre Eustáquio e os companheiros: como era possível tanta fé simples ao lado de tanta “barbaridade”? O balanço final da primeira festa por eles presidida, 15 de agosto de 1925, foi considerado muito positivo por padre Eustáquio, pois os fiéis, apesar de todas as deficiências, demonstraram-se piedosos e crentes, porém, carentes de maiores atenções, de respostas e de esperança. “Se Deus quisesse, ainda espiritualizariam aquela festa, transformando-a em verdadeira romaria”.

Quando terminou a festa, após o recolhimento dos últimos acampamentos de romeiros e dos comerciantes, Água Suja voltou à calmaria de sempre. O dinheiro conseguido na festa, dispensava os garimpeiros do trabalho até que se esgotasse o último tostão. Aos padres holandeses restou a necessidade de travar contato com o povo simples e trazê-los para uma participação mais efetiva da vida paroquial, mas sempre encontravam a muralha da desconfiança. Água Suja não carecia de tantos sacerdotes para dar comunhão e ouvir a confissão da velha Joana Maria, única a assistir suas missas desde sua chegada.

Diante da indiferença dos adultos, padre Eustáquio, “o de fala mais enrolada e o mais vermelhão”, voltou-se para as crianças. Logo tornou-se seu amigo e os reunia, diariamente, para catecismo e jogos. Daí passou a visitar as casas onde havia doentes que não saíam à rua, portadores de doenças incuráveis e ou mesmo contagiosas. Também passou a visitar a redondeza, sempre a cavalo, a fim de conversar com os homens nas fazendas e garimpos.

A ação caritativa de padre Eustáquio, amenizou o tom e o nível das críticas quanto à importância e trabalho dos padres e viram crescer a presença dos fiéis. Tanto que

traçaram novos planos - construiriam um novo e grandioso santuário e reabririam o colégio local, fechado a anos atrás. Por duas vezes reabriram-se as aulas, e por duas vezes fechou-se o colégio por falta de matrícula.

Ao final do ano, perto do natal, chegaram da Holanda o irmão-leigo Humberto van Ruiten e os padres Wilibrordo Meeder, Teodoro Buter e Everardo Molengraaff, destinados a reforçar a equipe que viabilizaria a fundação da comunidade de Araguari, já em adiantados entendimentos.

No dia 2 de março de 1926, padre Eustáquio tomou posse como reitor do Santuário e pároco de Água Suja e das paróquias de São Miguel de Nova Ponte e Santana de Indianópolis. Passados alguns dias, os padres Gil, Matias e Everardo mudaram-se para Araguari, onde, em 18 de maio do mesmo ano, inauguraram o Colégio *Regina Pacis*¹⁹, estabelecimento que projetou o nome da congregação dos Sagrados Corações como entidade dedicada à educação da juventude, funcionando durante décadas em regime de internato e externato.

Assim que sentiu a responsabilidade de pároco, e livre para determinar sua própria trajetória pastoral e as tarefas de seus vigários paroquiais, padre Eustáquio retomou a sua antiga tática. Por estes tempos já conhecia o suficiente do português para transcrever para a linguagem popular as preciosas receitas do seu “Manual de Medicina no Campo”. Pôs-se a caminho e voltou a visitar todas as casas e choupanas por onde deixaram-no entrar.

No entanto, o desvelo e o altruísmo de padre Eustáquio não o livraram de comentários desditosos, quando executava seu plano de visitas domiciliares gerais. Alguns “camaradas armados foram dizer-lhe que deixasse de visitar suas mulheres na ausência deles”²⁰. Reservado e disposto a superar as ofensas e as suspeitas despejadas sobre ele, usou do púlpito para defender-se. Se outros sacerdotes, antes dele, demonstraram tal conduta, sua própria ação bastava para provar a falsidade das acusações.

Até então, mostrara-se bondoso e desatento. Porém, diante do silêncio de seus paroquianos com relação às dúvidas quanto a suas atitudes, resolveu por bem mudar de

¹⁹ A 12 de julho de 1972 o colégio foi transferido da congregação para a Fundação Municipal de Ensino de Araguari.

²⁰ HULSELMANS, Op. Cit, pp 43.

tática. Passou a denunciar publicamente a vida imoral na família e na sociedade, censurou os vícios da embriaguês, da injustiça e dos mais diversos pecados públicos cometidos ali, inclusive o concubinato. Prometeu, ainda, ser rigoroso na aplicação das leis canônicas que proíbem os sacramentos aos amaziados, adúlteros públicos, homicidas e criminosos irreconciliados com a igreja.

Um dos casos citados e que merece destaque pelo uso de normas canônicas proibitivas, foi quando padre Eustáquio negou funerais cristãos católicos ao abastado proprietário da fazenda Marrecos. Os dois cavaleiros armados que vieram avisá-lo sobre o cadáver a espera da recomendação na porta da igreja, após sua firme recusa, saíram e voltaram com uma comissão toda armada. Esgotadas as alternativas pacíficas, passaram a dar tiros para o ar. De nada adiantando, pois, segundo padre Eustáquio, “quem em vida não entra na igreja, também depois de morto não entrará”. Aos familiares, que teriam sido avisados anteriormente, tiveram que se contentar em enterrar o defunto sem uma gota sequer de água benta.²¹

Ainda aconteceria outro fato para que se abrissem, definitivamente, as portas e corações à padre Eustáquio. Havia, em Água suja, um menino muito doente, acometido por uma enorme úlcera em suas costas. Cuidados médicos era escassos, nem tampouco sobrava dinheiro para a família comprar medicamentos. Padre Eustáquio, sabendo do caso, tratou pessoalmente do menino até a cura completa, durante mais de um mês. Era o último obstáculo para convencer o povo das boas intenções do padre.²²

Como pároco e líder, a estada de padre Eustáquio em Água Suja, sempre foi pontuada de sucesso pessoal e de obras, pois sabia unir as necessidades espirituais e as limitações materiais de seus paroquianos. Aos seus olhos, ricos e pobres eram merecedores dos mesmos cuidados e atenção. Foi com essa atitude imparcial que, em pouco, tempo, já se sentia o trabalho social sem rótulos e registros, sem louvores ou isenções do servo de Deus.

²¹ Idem, Ibidem, pp 38.

²² Idem, ibidem, pp 38-39.

Com a experiência da primeira festa, padre Eustáquio se preparava para a próxima. Aquela festa mundana deveria ser espiritualizada e celebrada com mais respeito e orações. Apesar dos pesares, aquele era um lugar de gente simples e humilde que, por desconhecer quase tudo, eram carentes de muita orientação e de liderança segura.

Estavam aos cuidados da pessoa certa. Quando Dom Lustosa veio presidir a festa de 1926, tamanho foi seu espanto com a organização encontrada. Padre Eustáquio construiu nas redondezas do santuário, as quatorze estações da Via Sacra, demarcou as áreas de acampamento com cruzeiros que levavam à meditação e lembravam a penitência. Os peregrinos, ao chegarem, já encontravam os prestativos e alegres padres, chamando-os à oração, à confissão, à comunhão e às aulas de catecismo para batizados e crismas.²³ Ao invés de corridas artísticas, deveria, agora, a cada dia, às três horas da tarde, presidir a procissão do Santíssimo para a benção dos doentes, aos moldes de Lourdes, na França. Comissões orientadoras foram formadas e prestavam importante serviço para o bom andamento das procissões. Diante de tudo isto, Dom Lustosa exclamou suspreso “Não reconheço Água-suja, aqui aconteceu um milagre!”²⁴

É comum, nesses tipos de festa, formarem-se filas de deficientes, hansenianos e mendigos que se põem a esmolar aos peregrinos. Esta impressionante cena de miséria humana, é descrita por Hulselmans com as seguintes palavras de padre Eustáquio:

“A ornamentação da praça é formada por um duplo cordão de doentes e infelizes que esperam a benção do Médico dos médicos. Os cânticos dos anjos aqui são as vozes rouquenhas dos leprosos. A lâmpada do Santíssimo é o sol tropical que dardeja seus raios sobre esta cena comovente. O incenso é o ar pestilento que sobe dos membros deformados, já em decomposição. Mas bispo e sacerdote, acostumados a estas cenas, não vacilam e não deixam dominar-se por seus sentimentos, mas inclinado-se sobre os doentes, abençoam um a um.”²⁵

²³ ANDRADE, José Vicente. *Padre Eustáquio*. Belo Horizonte, B. C. Edições, 1990, pp 45.

²⁴ HULSELMANS, Op. Cit., pp 44.

²⁵ Idem, pp 43.

Nesta mesma festa, foi lançada a pedra fundamental da construção do atual santuário, projeto do padre Everardo Moolengraaf, benzida por Dom Lustosa na frente de milhares de romeiros. A antiga matriz já não atendia as demandas da festa, pois era pequena, velha e sem condições de segurança.

Ao passo que as paredes de tapiocanga iam crescendo, aumentava o entusiasmo dos paroquianos e romeiros. A obra iniciou-se aos fundos da antiga matriz e, à medida que crescia, envolvia-a ao ponto de terem que demoli-la para o prosseguimento da construção. Em meio a dificuldades financeiras para tocar tal obra, Padre Eustáquio passou a administrar os bens patrimoniais dos santuário pessoalmente, depois promoveu campanhas junto aos devotos da região que pudessem contribuir financeiramente. Por fim, organizou mutirões pedindo carros-de-boi emprestado aos fazendeiros vizinhos e convidou os garimpeiros a carrearem pedras para a construção. À noite, ele prometia novidade nunca vista pela maioria dos mutireiros - Cinema. Padre Eustáquio comprara um motor que geraria eletricidade para a paróquia e um aparelho Pathé-baby.

Apesar das dificuldades financeiras, a 6 de agosto de 1932, a novena a Nossa Senhora da Abadia foi iniciada já no novo santuário.

O gelo inicial dos paroquianos, já fora esquecido no tempo. Padre Eustáquio se tornara dono daquele lugar. Além dos cuidados espirituais dispensados aos paroquianos, interessava-se pela promoção da informação geral e cultural. Reabriu o Colégio Dom Lustosa, com ensino de primeiro grau, para meninos e meninas, comprou uma tipografia para fazer os serviços gráficos do santuário e fundou o periódico "*O ROMEIRO - Organ Oficial do Santuário de N. S. d'Abadia*".

Padre Eustáquio foi sempre um sacerdote zeloso, abnegado e dedicado ao extremo, caridoso e piedoso, um verdadeiro homem interior. Era um escravo do povo, que podia dispor dos seus serviços espirituais e materiais a qualquer hora do dia. Além de suas bênçãos e conselhos, sempre recomendava preciosas orientações de natureza médica ou farmacêuticas, retiradas de seu "Manual de medicina no campo" e oferecidos como remédios caseiros, na forma de chás e emplastros, que se faziam mister para um povo tão carente de acesso à cuidados médicos.

Aos poucos tornara-se pastor e pai dos pobres. Uma certa vez, estava ele cavando a três metros abaixo do solo, a procura de uma areia virgem muito boa para curas, que ele havia lido em algum lugar, quando um cavaleiro veio em sua busca a fim de administrar os últimos sacramentos a Manoel, um lavrador da fazenda Mutum, que fora picado de cascavel e estava a beira da morte. Mais que depressa, padre Eustáquio apanhou a bolsa dos enfermos e seu indispensável baú de pronto socorro, partindo no cavalo, já selado, que fora trazido para este fim.

Cascavel costuma ser fatal, e Manoel, envenenado, já estava em processo adiantado de contato com o veneno mortífero. Todos rezavam e pediam aos céus um fim rápido e sem muitos sofrimentos para o coitado. Não se importando com os comentários, padre Eustáquio passa ao exame do pobre e assusta todos, quando, de sua valise, ao invés de retirar os objetos para a unção do doente, saca de um bisturi. Passa ao exame do local da picada e faz uma pequena incisão de onde começou a jorrar o sangue envenenado. Calmo, ajoelha-se e começa a sugar até que o sangue da veia se esgotasse.

Nervosos e estupefatos, os outros tentam intervir e pedem ao padre que não se arrisque. Entre uma chupada e outra, tranqüiliza-os: “Não, meus filhos, eu não morro; é preciso salvar o Manoel”²⁶. Após esgotada a veia completamente, faz um pequeno curativo, arma seu baú e volta-se para os presentes convidando-os para um cafezinho, como se o que acabara de fazer não fosse suscetível de ulteriores conseqüências.

Para padre Eustáquio, a intervenção que manteve Manoel em nosso mundo, não passava de seu dever de homem instruído. Após breve conversa, retornou à casa paroquial, como se tivesse acabado uma visita domiciliar qualquer. Na manhã seguinte, corria o boato por toda Água Suja - Padre Eustáquio operara um milagre.

A forte personalidade de padre Eustáquio sempre impressionou o povo. Sua ação estendia-se, como ajuda, aos vigários vizinhos. Desfrutava nos povoados vizinhos, por onde costuma pregar retiros espirituais, de sucessos invulgares e popularidade que chegava a formar lendas a seu respeito. Lendas estas que aumentavam, ainda mais, sua fama de santidade.

²⁶ Idem, ibidem, pp 45.

Conta-se que no povoado de Rio das Pedras, atual Cascalho Rico, deu-se um caso inusitado. Durante uma de suas missões, que por lá pregava, Censurou uma mulher devido aos seus trajes, convidando-a a retirar-se da igreja. A mulher retirou-se sob protestos e, quando chegou em sua casa, encontrou com padre Eustáquio que a esperava. Impressionada, pediu a uma vizinha que corresse e se certificasse da presença do padre na igreja, enquanto ela conversava com o mesmo. A vizinha voltou logo depois confirmando a pregação de um padre na igreja. Não restava dúvidas, padre Eustáquio estava na igreja e em sua casa ao mesmo tempo.²⁷

Os mais sensatos perderam seu tempo tentando explicar que a missão contava com dois padres pregadores, vestidos de branco. Portanto, era perfeitamente aceitável que, enquanto um pregava, o outro poderia estar fazendo visitas, convidando o pessoal para a missão. Qual nada. Só poderia ser o santo padre Eustáquio.

Seus anos de Água Suja, foram sempre assim. Estas e outras lendas, somadas ao seu zelo para com os paroquianos, contribuíram, para formar uma imagem de santo na figura de padre Eustáquio. Quando seus superiores o escolheram para ser o pioneiro de novas fundações em terras paulistas, Poá, todos os povoados se reuniram em um protesto, que deixou a congregação perplexa.

Não faltaram os mais emocionados pedidos para que ficasse. Todavia, ele jurara obediência eterna a seus superiores. Visto que não cederiam ao desejo da população, resolveram por bem, impedi-lo de sair de Água Suja, se necessário, a força. Deixaram que as festas de despedidas transcorressem normalmente. Porém, no dia da partida, bloquearam todas as saídas da cidade, fechando um cerco em volta de padre Eustáquio. Sua saída, depois de esgotadas todas as negociações, foi impedida à mão armada.

Mas os caminhos divinos são insondáveis. Depois de dois dias da revolta branca do povo, aconteceu de um grande amigo de padre Eustáquio, Agenor, que tinha sido convertido, ser assassinado por um antigo inimigo. Isto era o contrário do que pregava padre Eustáquio, tantos anos ele conseguira evitar essas desavenças, para ver sua obra morta, como o amigo. Não, ele não ficaria mais em Água suja, partiria no dia seguinte.

²⁷ Idem, pp 57.

Pela manhã, do dia 25 de janeiro de 1935, após o enterro do amigo, padre Eustáquio vestiu sua batina mais velha, almoçou rapidamente e saiu pelo povoado, como sempre fazia. Entrava nas casas, distribuía bênçãos e foi subindo, devagarinho, o morro dos marrecos.

Meia hora mais tarde, ouviram o roncar do motor do carro, algumas pessoas foram ver quem era. Sendo somente dois padres de Araguari, voltaram tranquilas. Não perceberam que uma légua adiante o carro alcançou padre Eustáquio e o levou definitivamente para sua nova residência, Poá.²⁸

A vida de padre Eustáquio estava prestes a entrar em uma fase mais densa. Ao contrário de Água Suja, Poá situava-se nos subúrbios de São Paulo, com grande aglomeração de gente. Da história de cuidados zelosos a fama de santidade, decorreu pouco tempo. A ponto de a situação sair fora do controle, devido ao grande fluxo de pessoas que procuravam padre Eustáquio para cura de seus males carnis e espirituais. Poá não dispunha de infra-estrutura para atender as multidões que ali chegavam.

Mais uma vez mudaram seu destino. O carismático padre Eustáquio, ainda passaria uma temporada em Patrocínio e Ibiá, antes de cumprir aquela que seria sua última missão. Foi indicado para presidir a paróquia de São Domingos, na Vila Celeste de Belo Horizonte, uma região de população pobre e carente. Onde chegou a 3 de abril de 1942

Ninguém poderia imaginar que Belo Horizonte seria para ele a divisória última entre o tempo e a eternidade, o último pouso em sua curta peregrinação por terras brasileiras. Faleceu dia 30 de agosto de 1943, vítima de tifo exantemático, pego de um pequeno carrapato, que à época era incurável, pela falta de recursos.

Morreu com fama de santidade. A igreja dos Sagrados Corações, que presidia, hoje é conhecida como a igreja de padre Eustáquio, que também deu nome à rua e ao bairro. Seus restos mortais encontram-se ali sepultados, do lado direito, próximo à entrada da igreja.

²⁸ HULSELMANS, Op. Cit, pp 68.

3. Devoção e Catolicismo Popular na Festa de Romaria

No capítulo anterior, fizemos uma retrospectiva da origem da devoção à Nossa Senhora da Abadia. Nasceu no norte de Portugal, século XII, cruzou o mar em direção ao Brasil, vindo instalar-se, primeiramente, em Muquém. Em finais do século passado, a história de sua devoção e culto se mistura com a formação de Água Suja, um emergente povoado no Triângulo Mineiro.

Em um estágio de devoção sedimentada à Nossa Senhora da Abadia, entra em cena, na década de 1920, a figura do carismático padre Eustáquio. Um sacerdote que, devido a sua ação, por vezes, compartilhava com Nossa Senhora da Abadia a atenção dispensada pelos fiéis.

Neste capítulo, pretendemos examinar, à luz do que foi possível recuperar das memórias dos entrevistados, de suas experiências concretas ou de acontecimentos transmitidos pela memória de familiares mais velhos, como foi percebido e como se deu o processo de assimilação do contexto religioso no período. Para tal, nos fundamentaremos nos aspectos da cultura e religiosidade populares.

Trataremos, para análise do exposto acima, das figuras de Nossa Senhora da Abadia e de padre Eustáquio, duas importantes entidades no contexto religioso de Água Suja. Dois signos de importância e significado para o povo.

A transmissão destes significados, como assinala Isaac Epstein no estudo dos signos, são responsáveis pela constituição do

“(…) fluxo intersubjetivo pelo qual circula a cultura. A experiência vivida, o real sentido, percebido ou compreendido, o mundo do real ou do imaginário (...) dos mitos, (...) é mediado de homem a homem por entes concretos capazes de

impressionar nossos sentidos: os signos (...) apontam para fora de si, são presenças que marcam ausências”.²⁹

Marcam a mão onipresente de Deus na resolução dos problemas imediatos da população. São estas ausências, ou o que elas representam, que Epstein completa como sendo “aquilo que constitui a seiva da cultura humana”.

Tratando da questão popular, Marilena Chaui impugna a idéia apressada e simplista de que a Cultura Popular, e, também, a Religiosidade Popular, possam ser uma totalidade fechada. Demonstra que,

“(...) freqüentemente encontramos no Brasil uma atitude ambivalente e dicotômica diante do popular. Este é encarado ora como ignorância, ora como saber autêntico; ora como atraso, ora como fonte de emancipação. Talvez seja mais interessante considera-lo ambíguo, tecido de ignorância e de saber, de atraso e de desejo de emancipação. Capaz de conformismo ao resistir, capaz de resistência ao se conformar. Ambigüidade que o determina radicalmente como lógica e prática que se desenvolvem sob a dominação”.³⁰

Ainda sobre a religiosidade popular, vale lembrar que, assim como as flores no campo, este fenômeno não pode nascer no vazio. Necessita de solo fértil para florescer. Tal fenômeno se explica pelas tentativas da população, em nosso caso, de peregrinos e habitantes de Água suja, de dar significado aos seus problemas concretos vividos. Do outro lado da moeda da “opção popular pela cura divina”, encontra-se o desespero quanto a cura humana. Se por um lado os fiéis não contam com acesso a serviços médicos, por outro, podem contar com a providência divina.

Ora, a festa só se faz festa na prática social de peregrinação dos devotos. Pois,

²⁹ EPSTEIN, Isaac. *O signo*. São Paulo, Ática, 3ª edição, 1990, pp 21.

³⁰ CHAUI, Op. Cit. pp 124.

“(...) seres e objetos culturais nunca são dados, são postos por práticas sociais e históricas determinadas, por fora da sociabilidade, de relação inter-subjetiva grupal, de classe, de relação com o visível e o invisível, com o necessário e o contingente”.³¹

Demonstrando, tudo isto, a ambigüidade da festa, pois encerra em si mesma, a festa oficial, da peregrinação em devoção à Santa, a devoção não oficial ao padre Eustáquio e as possibilidades de lazer e entretenimento da população.

É neste misto de conformismo e resistência, que a festa é vivida em Água Suja. Conformismo com os desígnios de Deus, perante a precariedade do sertão mineiro nas primeiras décadas do século, mas resistindo enquanto apelam para a intercessão de outrem para sobreviver às doenças sem tratamento médicos, estradas poeirentas, falta de infra estrutura, enfim, tudo que se possa juntar à lista de necessidades de um povoado em formação, naquela época.

A festa de Água Suja, como lembra o Sr. Joaquim Amaral, na época morador de Santa Rosa, hoje distrito de Coromandel, se dava todos os anos.

“Os preparativos eram muitos e exigiam tempo e trabalho durante meses (...) Era um momento de reunião da família, distribuição das tarefas para todos, reinava o bom humor. a boa vontade, a solidariedade e a paz. (...) Desde a idade de colo, eu participava da Festa pois para lá ia toda a família. A partir da idade que passei a entender as coisas, esta Festa constituiu um dos eventos marcantes de minha vida”, ele ainda se recorda com “saudades daquele evento que não se limitava ao dia quinze de agosto. A gente pensava, falava e se preparava durante todo o ano (...) Tudo era alegria e expectativa a espera da Festa, embora não entendêssemos bem o verdadeiro objetivo dela. Para um menino daquela idade a Festa era mais distração e brincadeiras do que oração e cumprimento de promessas”.³²

³¹ Idem, *ibidem*, pp 122.

³² Joaquim Aleixo de Souza, carta remetida ao autor em março de 1997.

Sua irmã, Maria Amaral, *dona Nenzica*, lembra-se que iam desde pequeninos. Diz o seguinte:

“(...) quando eu comecei a entender então, dava mês de junho, eu juntava mais a Quica prá nós ir. Eles (*os adultos*) falava que não ia, que não tinha fôrma pra biscoito (...) nós buscava tijolo, fazia forno mais a Quica, aquele forno de barro, pra poder fazer os biscoito (...)”³³

Sua outra irmã, Antonieta Amaral, *dona Leta*, também se lembra que

“(...) meses antes, a gente ficava sonhando com aquilo e arrumando (...) o arroz era limpo no munjolo (...), matava vaca, fazia muito doce e ia. Era três dias incompletos, a viagem”.³⁴

A família fazia a viagem de carro-de-boi, auxiliado por “um ou dois cavalos de cela para transportar mulheres e crianças que iam revezando-se”, os demais, familiares e amigos, acompanhavam a viagem à pé.

“O carro, se não fosse novo, era reformado. Eixo novo, coções novos, chumaços novos para produzir um bom som ou canto ou cantiga. Havia disputa para saber que carro cantava mais bonito durante a viagem.

Tudo era novo: fueiros, esteira de taquara retirada na lua certa. Toldo de couro para cobrir o carro. Os bois eram bem tratados para apresentarem-se gordos e bonitos com o pêlo liso. As cangas com tamoeiros novos etc. Os cavalos que iam eram os mais bonitos e os arreios novos ou reformados”.³⁵

³³ Maria Amaral da cruz, entrevista concedida ao autor em julho de 1997 (os grifos são nossos).

³⁴ Antonieta Amaral Fonseca, entrevista concedida ao autor em julho de 1997.

³⁵ Joaquim Aleixo., Idem

Reforçando os motivos que os levavam a tal empreitada, o senhor Joaquim relata o seguinte:

“Como já disse, a fé que movia as pessoas para aquela jornada era muito grande a ponto de enfrentar as dificuldades com sacrifício e tolerância (...) algumas coisas me marcaram muito, (...) o semblante de Nossa Senhora estampado naquela imagem; a multidão de fiéis rezando cantando e participando da procissão; a grande quantidade de velas acesas em louvor à Santa...

As orações eram de agradecimento pelas graças alcançadas. A fé e orações para Nossa Senhora de Abadia que mamãe fazia, livraram os seus filhos de muitos males e doenças(...) A motivação básica da viagem (...) era o pagamento de promessas e a devoção a Santa”.³⁶

Dona Helena também lembra com saudosismo da festa, precisava

“(...) ver as missa lá, mesmo, como enchia de gente, era a coisa mais linda, mas as principais famílias de lá foi mudando tudo(...) era umas moça que cantava no coro. Quando tinha drama elas participava dos drama, preparava as criança prá primeira comunhão. Todo mundo foi embora”.³⁷

É no interior da família que as tradições vão passando entre as gerações. E nossas impressões são fundamentadas na memória de pequenos participantes da festa que, vivendo sem contato com cidades maiores, desconheciam suas novidades. Dona Leta lembra:

“(...) quando a gente ficava ali, ia na igreja, ia naquelas barraquinhas (...) prá gente era muita novidade, porque a gente morava na roça e vinha gente de São Paulo, comerciante (...) de todo lado, né? (...) a gente ficava conhecendo muita

³⁶ Idem.

³⁷ Helena Cassiano dos Santos, entrevista concedida ao autor em fevereiro de 1997.

coisa que a gente nunca viu (...) até um balão era novidade porque nós morava na roça(...)”.³⁸

Para dona Nenzica,

“Era o único lugar que ia (...) a diversão, quando tinha era arrumar prá ir na Água Suja”.³⁹

Só depois, passaram a entender o “real” significado da mesma.

A festa era um acontecimento que necessitava de preparativos, envolvia uma logística complexa. Aos olhos dos pequenos, era a possibilidade de quebra de suas rotinas diárias, de lida com os afazeres da fazenda. Mas, antes de tudo, era o prenúncio de novos horizontes. Se ainda não entendiam o significado da festa, percebiam-na como um momento de lazer, um mundo novo, bem diferente daquele das roças. De resto, era esperar o próximo ano, os preparativos, a viagem, os amigos, as barraquinhas, a festa, a santa.

Aos adultos cabia a tarefa de viabilizar a peregrinação. A eles ficavam as tarefas pesadas e o cumprimento das promessas feitas durante o ano. Ao lado da crença e da devoção à Santa, sempre solícita aos seus pedidos, emparelhava-se uma família grande que, na ausência de serviços médicos, ou quando as possibilidades destes se esgotavam, não restava alternativa a não ser apelar para a proteção de todos, tais como

“(...) picadas de cobras e de aranhas, crupe, meningite, sarampo, catapora e outras (...) que foram curadas sem médicos e medicamentos farmacêuticos”.⁴⁰

Assim como para os pequeninos, para os adultos a festa também era sinônimo de diversão. Depois de se colocarem aos pés da santa, agradecer as graças alcançadas durante o ano, vinha o reencontro com amigos e parentes de outras cidades, a queima de fogos de

³⁸ Antonieta Amaral, Idem.

³⁹ Maria Amaral, Idem.

⁴⁰ Joaquim Aleixo, Idem.

artifício, jogo nas roletas instaladas nas barracas, a diversão e a visita aos locais de prostituição.

A festa organizava-se na praça, em torno da igreja. Lembra-se o senhor José Hilário, morador de Água Suja, que ali, a

“(...) praça era cheia de jogo (...) prá valer mesmo, de dinheiro mesmo. Porque os fazendeiro vinha prá cá prá assistir a festa (...) E aí tinha o jogo e aonde tem o jogo, ocê sabe, tem sempre a muiezada (...)”⁴¹,

mas ele mesmo recorda de tê-las protegido, afinal

“(...) aqui é de Deus também , uai. (...) do momento que elas num tá fazendo na rua abertamente, então, quem é que sabe que tá lá dentro de quatro parede?”⁴²

O comércio que se organizava na praça, em volta do santuário, estava com os dias contados. Dona Helena nos conta que

“(...) ali na praça era cheinho de barraquinha. Depois (...) um padre chamado Lamberto (...) implicou e tirou tudo de lá. Porque tinha gente que aproveitava. Sabe? Aproveitava para barraca de mulherada. (...) Daí o padre começou a observar isso e falou: *‘Não! Em frente da igreja não é lugar dessas coisa’*, e tirou. (...) Mudou. Mas não em volta da praça. (...) Estava certinho. Foi tanta revolta contra o padre, Nossa Senhora. O povo não gostou mas eie tirou. Falou que ali não era lugar de farra, quem quiser fazer farra, que faça lá pro seu lugar, não venha pra perto de Nossa Senhora”.⁴³

⁴¹ José Hilário, entrevista concedida ao autor em maio de 1997.

⁴² Idem.

⁴³ Helena, Idem.

Diante dos “olhos da santa” não se permitiria tais “abusos”, o exercício da prostituição. Porém, como os organizadores da festa não tinham como controlar uma das mais antigas profissões, as prostitutas mudaram-se de endereço. Mudou também o comércio das barraquinhas para áreas circunvizinhas.

A presença de Padre Eustáquio mudaria as areias de Água Suja. Como mostramos no capítulo anterior, algumas transformações se processariam no imaginário da população. Começou timidamente, era um estranho para a localidade. Mas, com o passar do tempo, começou a formar-se uma figura nitidamente no imaginário popular como uma alternativa de possíveis milagres.

Em 1925, chegam a Água Suja três padres holandeses, pioneiros da congregação dos Sagrados Corações no Brasil. Encontraram problemas sociais a muito resolvidos em sua terra natal. Dentre os três, padre Eustáquio inicia um trabalho de apostolado que imprimiria um novo ritmo ao povoado. Organizou um esquema de visitas domiciliares regulares, levando consolo aos doentes, noções de higiene e medicina, orientação espiritual, bênçãos e a costumeira indicação de receitas caseiras para pequenas enfermidades. Realizou obras que marcariam definitivamente sua passagem por Água Suja.

Irmã Beni, na época, moradora de Água Suja, relembra muito carinhosamente que, no começo, o

“(…) povo ainda era muito rebelde. Sabe? E ali ele foi convertendo o povo, pouco a pouco (...) quando as pessoas ficavam doente, chamava prá benzer, ele ia com aquela boa vontade, só vendo que gracinha”.⁴⁴

Depois, já com a confiança conquistada,

“(…) começou a fazer com os meninos do catecismo, (...) festa lá na casa paroquial, (...) fazia concurso, tinha prêmios, os meninos corriam com ovo na colher (...). Tinha também, eu me lembro muito bem, (...) tinha um balde, feito

⁴⁴ Irmã Maria Beni, entrevista concedida ao autor em março de 1997.

de madeira. (...) e dentro deste caixote de madeira tinha água (...), então o menino vinha com um pau, se posse no buraco ficava muito bem, ganhava (...), se não fosse, a água toda virava toda vez e aí era aquela graça, só vendo.

Ele fazia, também, pau-de-sebo pros meninos subirem (...) e a gente, naquela época, nunca viu (...).⁴⁵

Para dona Sílvia, padre Eustáquio era ‘de dentro de sua casa’, quando reunia com a meninada, “era como Cristo. Ele na frente, aquela meninada em vorta dele”.⁴⁶

Ditinho, um simpático anão, que, aos domingos se posta nos pés da escada do santuário, e põe-se à vontade da caridade alheia, lembra o seguinte de padre Eustáquio:

“(...) ele era bão demais (...) dava escola prá nós (...) fazia cumê (...) levava nós lá no rio prá nós nadá. (...) Ele levava nós, ele trazia nós, dava café, dava quitanda (...).”⁴⁷

Padre Eustáquio, para aquela garotada de Água Suja, deixava de representar somente o papel de guia espiritual, era pai, benfeitor, amigo e referência. Para tornar a espiritualização das crianças mais agradável, usava de sua criatividade no improvisado das mais interessantes brincadeiras

Como já mostramos, além de ministro de Deus, padre Eustáquio transpunha a barreira do esperado pela população. Sua ação caritativa, através das bênçãos, conselhos, pequenas curas e os remédios caseiros, envolvia-o em uma aura de santidade.

Dona Helena conta que,

“(...) aqueles casos do povo que mora em volta, pros lados de Santa Fé, aquelas roças que tem por ali, mordida cobra cascavel, jaracuçu nas pessoas, ninguém leva no médico, ia no padre Eustáquio. Padre Eustáquio benzia, benzia. E preparava um remedinho e dava. (...) Ele mesmo que arrumava, preparava o remédio,

⁴⁵ Beni, Idem.

⁴⁶ Sílvia Soares, entrevista concedida ao autor em fevereiro de 1997.

⁴⁷ “Ditinho”, entrevista concedida ao autor em maio de 1997.

benzia e a pessoa não tinha nada, não precisava nem ir no médico. Isso a gente viu falar muito, todo mundo que chegava mordido de cobra, já procurava (...) o padre Eustáquio”.⁴⁸

E acrescenta, contando de um caso ocorrido em uma fazenda para as bandas dos Marrecos:

“(...) padre Eustáquio chamou o chofer dele prá fazer uma viagem lá nessa fazenda. (...) quando ele chegou (...) desceu do carro, as coisa de ungir e sacramentar caíram no chão. Diz-se que ele falou assim: ‘Opa’. Catou e enfiou dentro da batina e chegou na porta da casa (...) Entrou, a mulher (*de dentro do quarto*) tava muito mau e falou: ‘Oh meu Deus, se o padre Eustáquio chegasse aqui’ (...) ele falou assim: ‘Estou aqui boa senhora’. Chegou, ungiu ela, sacramentou (...) depois que ele saiu ela faleceu(...)”.⁴⁹

No imaginário dos cristãos, acredita-se que, por vezes, um moribundo consiga adiar o momento de sua morte, enquanto não recebe a extrema unção.

Padre Eustáquio, com o passar do tempo via sua fama expandir-se para as redondezas. Certa vez, de passagem por Patrocínio, encontrou o nosso menino, senhor Joaquim, vítima de um acidente com o carro-de-boi e estava para ter a mão esquerda amputada pelo médico local. Fora

“(...) um tratamento longo, cerca de trinta dias só no Hospital e casa de senhor Álvaro e Dona Maria.

Mamãe não saiu do meu lado. Papai voltou para a fazenda com as crianças e toda semana vinha à cavalo nos visitar.

⁴⁸ Helena, idem.

⁴⁹ Helena, idem (os grifos são nossos).

Coitada de mamãe. Foram dias e noites inteiras sem dormir. Ela rezava e me dava remédios, além de ficar com minha mão dentro de uma bacia com permanganato de potássio para evitar infecção e facilitar a cicatrização. Eram dias e noites de angústia, era uma luta para ela me convencer a fazer os curativos porque o Dr. Humberto era bravo e ao retirar a gase jorrava sangue e doía muito.

Na época não existiam antibióticos e a medicação não controlava a infecção. A mão ficou escura, quase preta e a solução dada pelo médico era a amputação dos dedos e até da mão a altura do punho. Mamãe chorava e não aceitava a idéia de jeito nenhum. Dobravam-se as orações e cuidados com o filho dia e noite. Ela não perdia a esperança e a fé em Deus e Nossa Senhora.

Chegou um dia que o doutor deu o ultimato: 'amanhã vamos amputar esta mão, porque senão a senhora perderá seu filho'.

Ela que vinha resistindo, pediu pelo menos mais um dia. Saímos do consultório, mamãe estava arrasada e chorando. Fomos direto para a Igreja de Santa Luzia (uma igreja velha que durante o dia ficava somente com a porta lateral semi-aberta).

Lá no altar, no escuro encontramos ajoelhado e orando o Padre Eustáquio. Mamãe falou do acidente com ele e pediu para benzer minha mão. Ele Benzeu, fez orações, jogou água benta e deu à mamãe um folheto com oração à São José.

Saímos da igreja aliviados e mamãe com fé e esperança falava que minha mão ia ficar boa. (...) Na manhã seguinte fomos para o consultório do Dr. Humberto.

Ao iniciar os curativos que eram sempre feitos por ele mesmo, houve um momento de suspense, todos os três aflitos e apreensivos. Em todos os curativos anteriores, invariavelmente, o doutor ao retirar com a pinça a gase comprida que protegia os ferimentos, jorrava-se sangue e a mão tinha cor escura com as características de gangrena.

Naquele momento inesquecível, o médico ao pinçar a gase, esta se soltou da mão e não jorrou nenhuma gota de sangue. A cor da mão era clara.

(...)

Nós acreditamos que houve um milagre operado por Deus através do Padre Eustáquio com a intervenção de Nossa Senhora e os Santos”.⁵⁰

A próxima filha dos Amaral, recebeu o nome de Teresinha, em memória à santa homônima, que tantos pedidos recebeu no mês de sofrimento. O segundo bebe, uma menina também, recebeu o nome de Eustáquia.

As bênçãos de padre Eustáquio transcendem o espaço e tempo. Anos depois, em Araxá, dona Rosa Maria, durante sua segunda gravidez, tivera contato com um sobrinho que estava com rubéola. A pedido médico, deveria fazer um aborto, pois as probabilidades de nascer uma criança anormal eram de cem por cento. Católicos que são, entregaram sua gravidez às mãos de Deus. Ela nos relata o seguinte:

“Esperamos nove meses o nascimento de uma criança doente e eu rezei o tempo todo e prometi ao Pe. Estáquio que se meu filho nascesse com saúde e perfeito, enterraria seu umbigo em sua igreja em Belo Horizonte.

E, graças a Deus, o umbigo está lá, bem enterrado nos jardins da Igreja de Pe. Eustáquio”.⁵¹

São muitos os caminhos poeirentos que levavam até Água Suja, e ainda o levam. Os motivos são incontáveis e não caberiam neste trabalho. Tivemos de selecioná-los, não por importância, atributo inaplicável, mas pelo uso que pretendíamos fazer deles. Em sua maioria, e cientes dos riscos de estarmos simplificando, eram o pagamento de promessas feitas em silêncio nos momentos de aflição com os perigos que se abatiam sobre as famílias.

A festa tem caráter oficial, religioso, de devoção à Nossa Senhora. Fugindo ao controle das autoridades eclesiásticas, mas também aceito por elas, muitos peregrinos

⁵⁰ Joaquim, idem. O depoimento foi mantido na íntegra, para que o leitor possa fazer uma idéia melhor do sofrimento durante o tratamento.

⁵¹ Rosa Maria Ávila de Paiva, carta remetida ao autor em agosto de 1997.

cultuam devoção ao padre Eustáquio, a ponto das figuras do padre e da santa se fundirem no imaginário dos fiéis. Promovem alguns dias de alegrias para a alma e para o corpo.

Em nosso trabalho de pesquisa, incluímos uma visita ao túmulo de padre Eustáquio, na igreja dos Sagrados Corações, em Belo Horizonte, de onde reproduzimos as seguintes inscrições:

“Você, que é devoto de Padre Eustáquio:

- Antes de dirigir-se ao túmulo;

- Antes de suas devoções;

Ajoelhe-se diante do Sacrário.

Adore o Senhor Jesus, nosso salvador.

Ali Ele está vivo e no meio de nós.

“DEUS É NOSSO REFÚGIO E NOSSA FORÇA”.

(S145, 1)

Foi de Deus que Padre Eustáquio recebeu a vida, o Sacerdócio, os Dons!

Louvado seja Deus!”⁵²

Estes dois signos, padre e santa, povoam a memória dos peregrinos. Mas

“(…) justamente porque essa consciência diz *não*, a prática da Cultura Popular pode tomar a forma de resistência e introduzir a ‘desordem’ na ordem, abrir brechas, caminhar pelos poros e pelos intertícios da sociedade”.⁵³

A devoção ao “santo” padre Eustáquio, torna-se uma prática que desordena a ordem estabelecida da igreja. E, portanto,

⁵² Inscrições sobre o túmulo de Padre Eustáquio, Igreja dos Sagrados Corações, Belo Horizonte-MG.

⁵³ Chauí, Op. Cit, pp 178.

“(...) a ambigüidade da Cultura Popular e a dimensão trágica da consciência que nela se exprime poderiam sugerir uma outra lógica, uma racionalidade que navega contra a corrente, cria seu curso, diz *não* e recusa que a única história possível seja aquela concebida(...)”⁵⁴

pela igreja.

Chaui assinala que, este “catolicismo devocional é montado sobre rezas, bênçãos, devoções, curas, promessas. Todas elas fundadas na crença do milagre”⁵⁵. Enumera aspectos da cisão da ordem estabelecida, discutindo a divisão social das classes enquanto discorre sobre os benzedores populares. Não é exatamente o nosso caso. Embora o padre detenha o poder-saber legitimado pela igreja, enquanto “operador” de milagres, ele cria outras alternativas para as carências do povo.

É muito particular da religião católica o estigma do sofrimento para alcançar a redenção. Estes sacrifícios começavam com a resignação de entregar a Deus a sorte de membros da família. Faziam-se promessas aos santos. A seguir, os sacrifícios continuavam com o início da viagem, muitos a faziam em silêncio, rezando e jejuando. Depois, para agravar as penitências, as condições de acampamento em Água Suja deixavam muito a desejar. Somente o exercício da fé na proteção da família poderia remover a “montanha” das dificuldades.

Segundo Chaui, a família “modifica ou compensa a relação com a sociedade mais ampla”⁵⁶ e “apresenta-se, portanto, como mescla de conformismo às exigências sociais e como forma fundamental de resistência contra essa mesma sociedade no interior dela mesma”⁵⁷, mantém intacta a tradição de devoção e culto à santa e cria seus próprios caminhos, diretos, de pedidos de intercessão a Deus na figura do padre. Ainda sobre a prática dentro da família, relevando o papel da mulher que sofre pelos seus, “perante a sociedade global, é uma prática de resistência, internamente é a manutenção do

⁵⁴ Idem, *ibidem*, pp 179.

⁵⁵ Idem, pp 128.

⁵⁶ idem, pp 142.

⁵⁷ Idem, pp 145.

conformismo”⁵⁸, pelas mesmas carências citadas acima, quando o assunto é proteger ou salvar membros da família.

Em nosso contato com as fontes, à medida que colhíamos relatos, fomos compondo um mosaico de pequenas percepções, distanciando-nos um pouco da figura formada, pois só assim tem-se uma visão geral, vislumbramos uma imagem de contornos muito bem delineados. A peregrinação a Água Suja cria uma lógica própria de funcionamento, elabora suas regras. Mistura a “igreja do padre” com a “igreja do povo” no caldeirão social. Percebe quem é “bão” e quem lhe socorre, e, nesse sentido, passa a caminhar à sua sombra.

Realmente, assim como sugere Chauí, podemos perceber que a consciência popular, elabora sua própria sociologia e organiza a realidade de tal modo que possa entendê-la e compreender as ações dentro da própria. São reflexões, intermediadas pelas considerações de Chauí, sobre o conformismo e resistência processados dentro da religiosidade do povo, onde importam pelo que significam nas relações dadas, “em termos da consciência criada pela cultura popular”. O importante é perceber que as interpretações ambíguas e dispersas, formam um conjunto regido por lógica própria, senhor do seu caminho, que se realiza nas fissuras da cultura dominante, aceitando-a, recusando-a ou conformando-se a ela. É o que Chauí, muito apropriadamente, sugere ser um misto de conformismo e resistência.

Religiosidade, para estas pessoas, é o socorro diante do inesperado, o conforto da alma, é a cura do corpo, o lazer da viagem, dos jogos, a espera pelo próximo ano. O padre que cura, protege, educa, diverte, o redentor.⁵⁹

⁵⁸ Idem, pp 146

⁵⁹ A idéia de uma pessoa honrada, redentora da comunidade de pecadores também tem raízes bíblicas (Gênesis, 18:23-33).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, é o resultado de nossa primeira experiência com a pesquisa em história. É o momento de reflexão e avaliação dos anos da graduação.

Nosso objeto de estudo, “As Bênçãos de Romaria”, não é único no Brasil, guardadas suas particularidades, acharemos outros centros de função religiosa espalhados pelo país. As décadas de 20 a 40, deste século, são ricas em formação destes centros. Em um breve relato, podemos citar outras, tais como: Trindade e Muquém em Goiás; Aparecida e Tambaú em São Paulo.

Neste mesmo período, Getúlio Vargas decreta Nossa Senhora como a padroeira do Brasil.

Padre Eustáquio, também não está sozinho, juntam-se a ele, para restringirmos a lista, Padre Donizette, de Tambaú, e Padre Vitor de Aparecida. Este último, sem ter contato direto com os fiéis, povoa nosso imaginário pelas lembranças das “famosas” águas benzidas em cima do rádio.

Como já dissemos, Padre Eustáquio foi o mediador entre a religião oficial e a população. De um lado a carência popular em todos os aspectos, do outro, os interesses da igreja em manter crescente seu número de fiéis. As condições eram propícias, as relações se estreitaram. A festa se fazia no exercício da fé cristã, porém, incorporava-se a ela momentos de diversão, quebra de rotina, reencontros e novas amizades. Deus e os santos são onipresentes, Padre Eustáquio estava ao lado, cuidava da alma, mas não descuidava-se da carne de seus paroquianos.

A nosso ver, a população sempre esteve, e ainda está, interessada em resolver seus problemas imediatos. Caminhou entre o conformismo pela sua situação, mas resistiu à ordem estabelecida e criou seu próprio caminho.

Neste sentido, o significado da figura de Padre Eustáquio estará sempre povoando o imaginário popular. Ele é o “santo”, aquele guardião das horas de necessidades. E, como indica Mircea Eliade, em seu estudo sobre imagens e símbolos⁶⁰, por mais que se tente,

“(...) o símbolo, o mito, a imagem, pertencem à substância da vida espiritual, que se pode camuflá-lo, mutilá-lo, degradá-lo mas que nunca se poderá extirpá-lo (...)”.⁶¹

Esta pesquisa, que será seguida por outras, realizou-se entre momentos de folga do trabalho, da faculdade e família. Por vezes tive que desdobrar-me em horas extras de estudo. A vida de estudante, trabalhador e pai de família é difícil de conciliar. Obstáculos sempre estiveram presentes ao longo deste último ano, deslocamentos para as entrevistas e recolhimentos de outras fontes, levar filho na escola, manter o nível de produtividade no trabalho frente ao desgaste da pesquisa.

A escrita desta monografia, merece um capítulo a parte. Diante das dificuldades acima, faltou a experiência de quem senta-se diante de uma folha em branco com muitos vieses para análise, o outros trabalhos curriculares cumpriram sua função de preparação mas não têm a amplitude deste. A escrita, que no início foi penosa, aconteceu em minha casa, noite a dentro, na biblioteca, nas casas de minha mãe e irmã, invadindo o quarto de minhas sobrinhas. Todos, sem exceção, estavam por perto, apoiando-me e encorajando-me.

Entre as dificuldades do relembrar: “isso eu num lembro...”; “agora, eu sinto num podê lembrar mais... ocê sabe?”, fica latente um dos problemas da senilidade, resgatar da memória, acontecimentos perdidos no passado. É um trabalho penoso. Pouco exercitado em nossa contemporaneidade, deveríamos reservar mais tempo para ouvir as histórias de nossos velhos.

Esperamos que tenhamos contribuído para as discussões de nossa comunidade, no sentido de resgatar esse passado religioso e trazê-lo para um espaço de análise. Não foi

⁶⁰ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Editora Arcádia, 1ª edição, 1979

⁶¹ Idem. pp 11.

intenção, hora alguma, nos anteciparmos ao julgamento da Santa Sé no caso de Padre Eustáquio. Fica aberta a possibilidade para um trabalho futuro, mais amplo, onde possamos fazer uma análise da criação dos diversos centros de função do Brasil.

5. FONTES E BIBLIOGRAFIA.

FONTES

ENTREVISTAS.

Helena Cassiano dos Santos, fevereiro de 1997.

Sílvia Soares, fevereiro de 1997.

Imã Maria Beni, março de 1997.

Joaquim Aleixo de Souza, março de 1997.

Alexina Teodora do Nascimento, maio de 1997.

José Hilário, maio de 1997.

“Ditinho”, maio de 1997.

Geraldo Cunha, maio de 1997

Maria Amaral da cruz, julho de 1997.

Antonieta Amaral Fonseca, julho de 1997.

Rosa Maria Ávila de Paiva, agosto de 1997.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, José Vicente. *Padre Eustáquio*. Belo Horizonte, B. C. Edições, 1990.

Mão que abençoa - Vida de Padre Eustáquio, Belo Horizonte, Promoção da Família Editora, 1972, 2ª edição.

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo. T. A. Queiroz, Editora da USP, 2ª edição, 2987.

- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência - aspectos da cultura popular no Brasil* São Paulo, 6ª Edição, Editora Brasiliense, 1994.
- DAMASCENO, Maria das dores. *Do Diamante ao Milagre da Fé - Água Suja - Romaria - Minas Gerais*. Romaria - MG, Editora Vitória, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Editora Arcádia, 1ª edição, 1979.
- ELFRINK, Alfredo. *Padre Eustáquio ss.cc. Álbum comemorativo ao ensejo do 15º aniversário da sua preciosa morte*. Belo Horizonte, Oficinas Gráficas da U.P.C., 1958.
- EPSTEIN, Isaac. *O signo*. São Paulo, Ática, 3ª edição, 1990.
- GARRIDO, Joan del Alcàzar i. *As fontes orais na pesquisa história: uma contribuição ao debate*. In: Revista Brasileira de História, Nº 25/26, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, diversos autores, 1992/1993.
- HULSELMANS, Venâncio. *Padre Eustáquio van Lieshout.SS.CC - O vigário de Poá*. Rio de Janeiro, Centro Nacional da Entronização, 1944.
- MIRANDA, Custódio Guimarães de. *História do Santuário de Nossa Sra. da Abadia de Romaria*. In: Revista Mensageiro de Santa Rita, Vários Autores, Franca - SP, Nº 574, agosto de 1982.
- NORA, Pierre. *Entre Memórias e história - A problemática dos lugares*. In: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, EDUC - Editora da PUC-SP, 1981
- SOUSA, Geovane da Silva e. *Conhecendo ROMARIA.. Sua origem, sua gente, suas tradições*. Araguari - MG, Minas Editora, 1997.

VALLE, Edênio, & QUEIRÓZ, José J. (org). *A cultura do povo*. São Paulo, EDUC, 1979.

VIEIRA, Primo. *Nossa Senhora d'Abadia - História e Devocionário*. s/d mimeo, 1994.

VIEIRA, Primo Maria. *Monographia da Parochia de Sanctuario Episcopal de Nossa Senhora d'Abadia de Agua Suja*. São Paulo - SP, Melhoramentos, 1921.